



Artigo Original

COMPORTAMENTO

ESTRATÉGIAS DE COPING ENTRE ENFERMEIROS DE RECUPERAÇÃO ANESTÉSICA

Coping Strategies among Nurses in Recovery Room

Estrategias de Coping por los Enfermeros de Recuperación Anestésica

Laura de Azevedo Guido • Rosângela Marion da Silva • Sídia De Mari

Resumo – Esta pesquisa foi realizada no período de janeiro a abril de 2005, na Recuperação Anestésica (RA) do Hospital Universitário de Santa Maria (RS), com o objetivo de identificar as estratégias de coping utilizadas por enfermeiros no ambiente de trabalho. Para a coleta de dados, utilizamos questionários que foram respondidos por sete profissionais que desempenhavam atividades nessa área, todos do sexo feminino. A maior parte da população (85,71%) tinha idade entre 41 e 50 anos, tempo de formação de 11 a 30 anos e experiência de trabalho na RA de 1 a 10 anos. Os resultados mostraram que as estratégias focadas na emoção eram as mais utilizadas no momento do estudo.

Palavras-chave – enfrentamento; estresse; assistência de Enfermagem; Recuperação Anestésica.

Abstract – This research was undertaken in 2005, from January to April, in the Recovery Room of the University Hospital of Santa Maria-RS. It aims to identify the coping strategies used at the workplace by the nurses. The data were collected through the delivery of questionnaires and it added a population of seven nurses that develop activities in this area. It was observed in the characterization of this population that 85,71% have an age between 41

to 50 years, perceiving that 100% female; 85,71% have 11 to 30 years of graduation and 85,71% have from 1 to 10 years of working in the referred area. The obtained results pointed out that the coping strategies focused on the emotion were the most used ones along the research.

Key words – coping; stress; Recovery Room; Nursing.

Resumen – Esta investigación fue desarrollada entre enero y abril del 2005 en la sala de recuperación del Hospital Universitario de Santa Maria-RS. Fue delineada con el objetivo de identificar las estrategias de coping utilizadas en el ambiente de trabajo por los enfermeros. Los datos fueron recogidos por medio de la entrega de cuestionarios y sumaron una población de siete enfermeros que desempeñaron actividades en esta área. Fue comprobado en la caracterización de esa población que 85,71% tienen edad entre los 41 y 50 años, 100% son del sexo femenino, aún 85,71% tienen de 11 hasta 30 años de diplomados y 85,71% llevan de un año hasta diez de trabajo en esa unidad. Los resultados logrados comprobaron las estrategias enfocadas en la emoción como las más utilizadas en el momento de la investigación.

Palabras clave – coping; stress; Sala de Recuperación; asistencia de Enfermería.

INTRODUÇÃO

A situação crítica do País e o conflito entre a organização dos serviços hospitalares e a tecnologia tão presente, associados à crescente expectativa dos dirigentes e à escassez de recursos humanos e materiais, têm conduzido os enfermeiros, no ambiente hospitalar, a inúmeras dificuldades decorrentes de questões administrativas, econômicas, políticas e éticas. Nesse contexto, urge a busca de uma prática inovadora e reflexiva, aliada a um compromisso social, em que o cuidado seja qualificado e individualizado, atendendo às demandas dos clientes e de suas famílias e intervindo dinamicamente no sistema hospitalar.

A assistência de Enfermagem em Recuperação Anestésica (RA) é dotada de características peculiares, especialmente quando se leva em conta que o indivíduo se encontra sem consciência crítica na maior parte do período de permanência no setor.

Decorre desses aspectos a necessidade de organização da unidade para a prestação de uma assistência que garanta qualidade, presteza e segurança. A vinculação da teoria à prática deve se

associar ao cuidar com coerência e competência, além de estar comprometida com o processo educativo e com a busca de novos instrumentos de trabalho ligados não só ao paciente e à sua família, como também ao maior prazer e à maior satisfação das equipes multidisciplinares no exercício de sua profissão.

Analisando, historicamente, a evolução da RA, observamos que Florence Nightingale, em 1863, já previa a necessidade de os clientes operados serem agrupados para o atendimento nas primeiras horas após a cirurgia⁽¹⁾. Com esse objetivo, a RA foi definida como o local onde os pacientes permanecem até que haja a recuperação da consciência e a normalização dos reflexos e dos sinais vitais, sob a observação constante da equipe de Enfermagem, de modo que sejam prevenidas intercorrências no período pós-anestésico e, em caso de elas ocorrerem, que o indivíduo seja prontamente socorrido⁽²⁾.

Alguns autores têm mostrado preocupação com o funcionamento dessa unidade, como Drain; Shipley⁽³⁾, que afirmam que a RA deve ser projetada para permitir máxima segurança para o cliente pós-cirúrgico, a fim de contribuir para seu conforto e permitir a observação dos pacientes e a prevenção de complicações.

Vale ressaltar que, por haver a necessidade de vigilância contínua dos clientes submetidos a procedimentos anestésicos e cirúrgicos, com atendimentos rápidos, seguros e ágeis, além de controles rigorosos, o enfermeiro precisa de muita atenção e capacidade para enfrentar as demandas tanto físicas quanto psíquicas do trabalho em uma unidade fechada e complexa como a RA.

Convém destacar também a complexidade das funções do enfermeiro nesse ambiente, pois ele é responsável pela recepção e avaliação do paciente e pelo

planejamento e implementação da assistência de Enfermagem, além de responder pela manutenção e controle de equipamentos e pela supervisão, educação permanente e avaliação da equipe de Enfermagem. Todas essas responsabilidades podem ser desencadeantes de estresse no trabalho.

Da mesma forma, ao executar uma assistência especializada, o enfermeiro busca prevenir intercorrências e atender prontamente a urgências, com fundamentação teórica, ética e humanística, visando à diminuição de riscos e ao aumento da segurança na unidade, o que pode representar um maior desgaste físico e emocional, interferindo no desempenho de suas atribuições.

O fato é que vários são os autores que destacam a Enfermagem como uma ocupação estressante, especialmente se considerarmos o trabalho em unidades fechadas, de alto risco e complexidade⁽⁴⁻⁶⁾. Ao realizarem um levantamento de pesquisas internacionais sobre estresse em Centro Cirúrgico, Bianchi; Salzano⁽⁷⁾ identificaram o relacionamento interpessoal como o estressor mais freqüente, dados posteriormente confirmados por Bianchi⁽⁸⁾ e Guido⁽⁶⁾ em pesquisas feitas no Brasil.

Nesse contexto, Lazarus; Folkman⁽⁹⁾ sustentam que o coping corresponde a um processo pelo qual o indivíduo administra as demandas da relação pessoa/ambiente, avaliadas como estressantes, e as emoções que elas geram. Ou seja, diante de uma situação de estresse, as pessoas avaliam o que está acontecendo, a fim de que o organismo possa responder adequadamente ao estressor, solucionando-o ou amenizando-o.

Há duas formas distintas de abordar o coping, segundo Lazarus; Folkman⁽¹⁰⁾: a centrada no problema e a centrada na emoção. No coping focado no pro-

blema, a preocupação maior está na resolução da questão. É necessário definir a dificuldade, enumerar as alternativas, comparando-as em termos de custo e benefício, e escolher uma ação. Trata-se de estratégias voltadas para a realidade, consideradas mais adaptativas, pois são capazes de modificar as pressões ambientais e de diminuir ou eliminar a fonte de estresse. Na prática, podem estar dirigidas ao ambiente (fonte externa de estresse) ou à própria pessoa (fonte interna de estresse), tornando necessária a modificação dos estados motivacionais e cognitivos do indivíduo.

Já o coping centrado na emoção corresponde a estratégias que derivam principalmente de processos defensivos, o que faz com que os indivíduos evitem se confrontar com a ameaça, não modificando, então, a situação. Esse tipo de coping pode ser considerado como um processo de reavaliação cognitiva, no qual a pessoa realiza manobras como fuga, distanciamento e aceitação, com o objetivo de modificar o significado da circunstância.

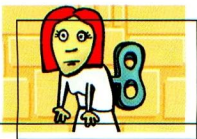
A redução da tensão e a manutenção dos estados físicos, psicológicos e sociais estáveis, assim como o controle do significado dos estressores, constituem algumas das razões destacadas pelos autores como importantes para o uso de estratégias de coping.

OBJETIVO

Este trabalho procurou identificar as estratégias de coping utilizadas no ambiente de trabalho pelos enfermeiros do serviço de Recuperação Anestésica do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM).

MÉTODO

A presente pesquisa, que pode ser classificada como um estudo de campo,



Artigo Original

COMPORTAMENTO

exploratório e descritivo, foi realizada no HUSM, localizado na cidade de Santa Maria (RS), no período de janeiro a abril de 2005. Situado na região centro-oeste do Rio Grande do Sul, esse hospital é uma instituição pública de grande porte, com 310 leitos, sendo mantido por recursos federais e voltado ao ensino.

Fizemos a coleta de dados no serviço de Recuperação Anestésica do HUSM, que dispõe de dez leitos e se situa no subsolo do hospital, em local anexo ao Centro Cirúrgico. As sete enfermeiras que atuavam nos três turnos de trabalho do setor participaram voluntariamente do estudo, tendo respondido ao instrumento que utilizamos na oportunidade, o Inventário de Estratégias de Coping de Lazarus e Folkman⁽¹⁰⁾. Entregamos os questionários individualmente a essas profissionais, com a orientação de que pensassem em uma situação de estresse vivida no trabalho, e agendamos um dia para sua devolução.

Composto de 66 itens que incluem pensamentos e ações empregadas para lidar com demandas internas ou externas de determinado evento estressante, esse instrumento foi traduzido, validado e adaptado para a realidade brasileira por Savoia; Santana; Mejias⁽¹¹⁾. Cada item oferece quatro opções de resposta, com valores que variam de zero a três, numa escala tipo Likert, na qual o zero representa o não-uso da estratégia especificada, o número um, o pouco uso, o número dois, bastante uso e o número três, o uso em grande quantidade. Para a análise dos dados obtidos, respeitamos os oito fatores classificatórios propostos por Lazarus; Folkman e reorganizados por Savoia; Santana; Mejias, conforme segue:

- Fator 1 – confronto;
- Fator 2 – afastamento;

- Fator 3 – autocontrole;
- Fator 4 – suporte social;
- Fator 5 – aceitação de responsabilidade;
- Fator 6 – fuga-esquiva;
- Fator 7 – resolução de problemas;
- Fator 8 – reavaliação positiva.

Os resultados aqui demonstrados constituem-se em dados parciais do estudo, o qual obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição envolvida. Além disso, as participantes assinaram o termo de consentimento livre e informado e tiveram garantido o sigilo de suas identificações.

RESULTADOS

Caracterização da população estudada

A população deste estudo foi composta de sete (100%) profissionais da RA do HUSM, tendo sido caracterizada por mulheres, em sua totalidade. Na Enfermagem, é comum haver uma hegemonia feminina, conforme destacam alguns autores^(5, 12-15).

Com relação à faixa etária, houve predominância da idade entre 41 e 50 anos (85,71%) e, portanto, de profissionais com mais tempo de prática, o que pode interferir significativamente no enfrentamento das situações consideradas estressantes no trabalho. Nesse sentido, Ferreira⁽¹⁶⁾ afirma que, nas faixas etárias mais elevadas, é possível que a ansiedade seja reduzida, uma vez que as pessoas tendem a avaliar a vida de uma maneira mais ponderada.

No que se refere ao tempo de formação, 85,71% da população tinha entre 11 e 30 anos de formada, com uma significativa vivência na profissão. No dia-a-dia, portanto, essas enfermeiras provavelmente buscam respostas a

situações de estresse respaldadas pela tarimba que já têm na Enfermagem.

A reflexão sobre o intervalo decorrido após a graduação é importante, uma vez que o trabalho numa unidade fechada e especializada requer profissionais capacitados e com um mínimo de experiência profissional. Revisando a bibliografia nacional, Guido⁽⁶⁾ verificou que existem divergências quanto à correlação do estresse com o período decorrido depois da conclusão do curso superior. A referida autora acredita que um tempo mais elevado e uma maior faixa etária, além de favorecerem a opção de coping, medeiam o impacto negativo do estresse no trabalho.

Ainda no aspecto educacional, pudemos notar que 71,43% da população possuía curso de pós-graduação em nível de especialização. Revendo estudos relacionados ao estresse, constatamos que o percentual encontrado nesta pesquisa foi superior ao de outros levantamentos desenvolvidos no Rio Grande do Sul, como o de Lautert⁽¹⁷⁾, que identificou 49,72% dos enfermeiros de um hospital com tal nível de formação e apenas 21,51% em outra instituição. Já Guido⁽⁶⁾ contabilizou 64,07% desses profissionais com curso de especialização em seu estudo. Quando considerados no conjunto, contudo, tais dados nos permitem inferir que há uma preocupação crescente, por parte dos trabalhadores de Enfermagem, em buscar qualificação e investir em seu trabalho.

Observando os resultados, verificamos também que 42,86% do grupo estudado tinha entre 1 e 10 anos de tempo de serviço no HUSM, enquanto outros 42,86% possuíam mais de 20 anos de casa. Pelos percentuais, portanto, tratava-se de uma população com relativa experiência na instituição.

Já em relação ao tempo de serviço na RA, constatamos que 85,71% das enfermeiras tinham entre 1 e 10 anos de atuação na referida unidade e 14,28% trabalhavam nessa área havia mais de 20 anos.

A maioria das entrevistadas (85,71%) recebeu treinamento para atuar em RA e optou pelo trabalho na unidade. Bianchi⁽⁵⁾ sustenta que o fato de o enfermeiro escolher a unidade para trabalhar representa um estímulo à sua atuação, funcionando como um mecanismo de coping para enfrentar os problemas e, até mesmo, para diminuir o impacto das atividades desenvolvidas no setor.

Notamos ainda que havia um número igual de enfermeiras nos turnos da manhã e da tarde (42,86%). Da mesma forma, predominava, no serviço, a carga

horária de 30 horas de trabalho por semana. Com relação à distribuição das atribuições, 85,71% do grupo exercia atividade assistencial na RA e uma enfermeira ocupava o cargo de chefia da unidade, respondendo técnica e administrativamente pela área perante a direção do hospital.

Estratégias utilizadas para enfrentar o estresse

O fator 4, de suporte social, correspondeu ao mais usado por 51,14% da população pesquisada, seguido do fator 8, sobre reavaliação positiva, com 28,58%. Por outro lado, 71,43% das entrevistadas adotavam menos o confronto como estratégia de coping, o que nos possibilita afirmar que grande parte da equipe da RA do HUSM optava pouco pelas saídas focadas no problema.

O fato é que os dados identificados nos permitem destacar o uso do coping centrado na emoção pelas enfermeiras da instituição, no momento da pesquisa. Esse resultado difere do encontrado por Guido⁽⁶⁾ em estudo semelhante, no qual a resolução de problemas apareceu como mecanismo mais utilizado pela equipe de Enfermagem da RA. De qualquer forma, é importante ponderar que tanto o coping focado no problema quanto o centrado na emoção se voltam para a realidade e que as pessoas são diferentes na interpretação, na reação e na avaliação diante de um estressor.

De maneira geral, 65,42% das entrevistadas recorriam a estratégias com foco na emoção, o que nos conduz a uma preocupação, visto que tais opções representam processos defensivos em relação à situação considerada estressante e sugerem que, provavelmente, as



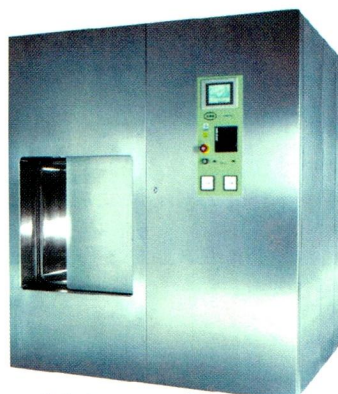
Tecnologia Européia em Sistemas de Esterilização

Com a experiência de quem atua há mais de cinquenta anos no exigente mercado europeu, a CisaBrasile oferece uma gama completa de produtos destinados às centrais de esterilização, desde o projeto, softwares para controle, acessórios e equipamentos, tudo com fabricação e assistência técnica nacional. O resultado desta combinação são produtos eficientes, com qualidade e tecnologia de ponta proporcionando economia graças à alta performance, notável economia de recursos como água e eletricidade e baixíssimo índice de paradas para manutenção.

Possuímos representantes em todo o território nacional, e assistência técnica local direta sob responsabilidade da fábrica nas principais cidades.

Qualidade
Confiabilidade
Segurança
Assistência

www.cisabrasile.com.br



Autoclaves para alta e baixa temperatura



Projetos completos para centrais de esterilização



Termodesinfectoras para lavagem, desinfecção e secagem

Joinville - SC

Rua Dona Francisca, 8300 - Distrito Industrial
Bloco C Módulo 6 - CEP 89239-270
Joinville - SC - Brasil
Fone: +55 47 437-9090 / 435-7592
e-mail: cisa@cisabrasile.com.br

São Paulo - SP

Rua Capote Valente, 439 - J. América - S / 74
São Paulo - SP - Fone: +55 11 3068-8312



Artigo Original

COMPORTAMENTO

profissionais envolvidas no estudo não estejam investindo na resolução dos problemas, mas buscando saídas paliativas no enfrentamento do estresse no trabalho. Essa constatação nos remete à necessidade de aprofundar o estudo e realizar correlações dos achados com a identificação dos estressores em RA.

Lazarus; Folkam⁽¹⁰⁾ afirmam que o coping está diretamente ligado ao estresse, à emoção e aos significados pessoais, estes últimos representando um dos aspectos mais importantes a serem avaliados, na medida em que identificam como o profissional enfrenta um momento de desgaste. Nesse sentido, não se pode afirmar que a opção pela estratégia centrada na emoção represente um transtorno no trabalho, pois as pessoas avaliam a circunstância estressante de forma individual e momentânea.

Se, contudo, o coping não for efetivo, observam Lazarus; Folkam⁽⁹⁾, é possível que a situação de estresse se agrave devido à contínua mobilização do organismo na busca de adaptação ao estressor. Daí porque há necessidade de uma nova avaliação e redefinição do que é estressante para cada enfermeiro e de como esses elementos afligem cada um. O levantamento de demandas do ambiente pode resultar na ação do indivíduo e na mobilização de seus sistemas fisiológicos para melhor enfrentar o acontecimento considerado desgastante.

Com base na constatação de que as estratégias voltadas para a emoção são as mais usadas pelas profissionais da RA do HUSM e as centradas no problema, as menos usadas, é preocupante perceber como os enfermeiros de RA mobilizam esforços comportamentais e cognitivos para minimizar ou superar as demandas internas do trabalho nessa área. Entendemos que as diferentes

estratégias até sejam efetivas para o grupo que participou do estudo, mas também podem conduzir essas pessoas ao desgaste físico e emocional, evoluindo para importantes alterações de comportamento e de saúde.

O conhecimento do estresse como um processo e as formas de enfrentá-lo no trabalho representam uma importante repercussão na saúde e na vida dos enfermeiros, tanto pessoal quanto profissional.

Bianchi⁽¹⁸⁾ destaca que existem limitações na difusão dos dados obtidos em seu estudo, uma delas relacionada com as características do estresse, que é subjetivo, individual e dinâmico. Assim, os achados podem ser alterados à medida que há modificação no tempo e na realidade vivida e percebida pelos sujeitos. A autora igualmente destaca a caracterização da organização como uma limitação da pesquisa, pois os resultados refletem a inserção das pessoas num determinado local de trabalho, sob certas condições de realização.

Concordamos com Bianchi e reafirmamos a necessidade de novas investigações que associem os estudos sobre estresse e coping, a fim de buscar formas de intervenção entre as enfermeiras da Recuperação Anestésica do HUSM.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A atividade da Enfermagem em RA é multidisciplinar, pois o acompanhamento de vários profissionais da área da saúde é essencial no caso de alterações súbitas apresentadas pelos pacientes, bem como o estabelecimento de rigorosos critérios de avaliação e definição de alta da unidade.

A relação de interdependência e as

dificuldades de relacionamento entre os trabalhadores, associadas à carência de reflexões, à definição de papéis e padrões de assistência de Enfermagem e à exacerbação de cobranças acerca de condutas e, principalmente, de atividades não realizadas, produzem insatisfação e desânimo nos profissionais. Essas questões colocam a competência dos enfermeiros em discussão, tanto pela ausência de solidariedade quanto pela falta de motivação no trabalho, dificultando os relacionamentos interpessoais e, dessa forma, comprometendo sobremaneira a assistência de Enfermagem qualificada, o que justifica nosso interesse pelo estudo do estresse e do coping.

Assim sendo, a continuação desta iniciativa se faz importante, tendo em vista que nos permitirá estabelecer correlações entre as variáveis demográficas da população estudada e os dados obtidos nas pesquisas referentes a estresse e coping.

Com a entrega dos questionários, observamos a boa receptividade das enfermeiras a este projeto de pesquisa, uma vez que, com base no conhecimento e na compreensão das formas de enfrentamento utilizadas em sua prática, acreditamos que elas possam buscar a satisfação em exercer sua atividade.

De qualquer modo, o interesse de tais enfermeiras pelo assunto e sua participação no estudo nos conduzem a uma outra reflexão: o nível de estresse desse grupo não estará muito alto? Essa é uma questão a ser respondida. Como pesquisadoras, devemos às profissionais de Recuperação Anestésica do HUSM respostas que lhes possibilitem reflexões, de forma que, com base nisso, venham a acreditar em sua capacidade no sentido de superar o estresse e de melhor enfrentá-lo no ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Guido LA, Silva MVG. Recuperação Anestésica: estudo avaliativo em um hospital privado. In: Encontro Nacional de Profissionais em Centro Cirúrgico e Centro de Material. Rio de Janeiro: ENCENF; 1990.
2. Ferraz ER. Requisitos mínimos para a organização da sala de Recuperação Pós-Anestésica e a assistência de Enfermagem nela prestada. Rev Esc Enf USP. 1980; 14(2):123-31.
3. Drain CB, Shipley SB. Enfermagem em sala de recuperação. Rio de Janeiro: Interamericana; 1981.
4. Menzies IEP. Nurses under stress. Int Nurs Review. 1960; 7(6): 9-16.
5. Bianchi ERF. Estresse em Enfermagem: análise de atuação do enfermeiro de Centro Cirúrgico. [Tese]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1990.
6. Guido LA. Estresse e coping entre enfermeiros de Centro Cirúrgico e Recuperação Anestésica [Tese]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 2003.
7. Bianchi ERF, Salzano SDT. Estresse em Enfermagem: análise da atuação do enfermeiro de Centro Cirúrgico. Rev Paul Enferm. 1991; 25(nº. esp.):104-9.
8. Bianchi ERF. Comparação do nível de estresse do enfermeiro de Centro Cirúrgico e de outras unidades fechadas. Rev SOBECC 2000; 5(4): 28-30.
9. Folkman S, Lazarus RS. Na analysis of coping in a middle-aged sample. J Health Soc Behav. 1980; 21(3): 219-39.
10. Lazarus RS, Folkman S. Stress, appraisal, and coping. New York: Springer; 1984.
11. Savoya MG, Santana PR, Mejias NP. Adaptação do inventário de estratégias de coping de Folkman e Lazarus para o português. Psicol Univ São Paulo. 1996; 7:183-201.
12. Bianchi ERF. Estresse entre enfermeiros hospitalares. [Tese]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1999.
13. Chaves EC. Estresse e trabalho do enfermeiro: a influência de características individuais no ajustamento e na tolerância ao turno noturno. [Tese]. São Paulo (SP): Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo; 1994.
14. Peniche ACG, Nunes LM. Estresse-ansiedade do enfermeiro em sala de Recuperação Anestésica. Rev SOBECC. 2001; 6(3): 19-23.
15. Caregnato R, Lautert L; Situações geradoras de estresse na equipe multiprofissional na sala cirúrgica. Rev. SOBECC. 2003; 8(3) 11-16.
16. Ferreira FG. Desvendando o estresse da equipe de Enfermagem em terapia intensiva. [Dissertação]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1998.
17. Lautert L. O desgaste profissional do enfermeiro. [Tese]. Salamanca (Espanha): Universidade Pontífica de Salamanca; 1995.
18. Bianchi ERF. Estresse entre enfermeiros hospitalares: avaliação e intervenção. [Relatório]. São Paulo (SP): FAPESP; 2002.

AUTORIA

Laura de Azevedo Guido

Enfermeira; doutora; professora-adjunta do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (RS).

Endereço para correspondência:
Rua Fioravante Spiazzi, 78, Cerrito,
Santa Maria - RS
CEP: 97095-180
Tel.: (55) 3222-2253 (res.) / (55)
3220-8263 (com.)
E-mail: lguido@terra.com.br

Rosângela Marion da Silva

Acadêmica do sétimo semestre do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (RS).

Endereço para correspondência:
Rua Esperanto, 80, Parque Don
Antonio Reis, Santa Maria - RS
CEP: 97065-150
Tel.: (55) 3211-1967 (res.)
E-mail: cucasma@terra.com.br

Sídia De Mari

Acadêmica do sétimo semestre do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (RS).

Endereço para correspondência:
Rua Esperanto, 80, Parque Don
Antonio Reis, Santa Maria - RS
CEP: 97065-150
Tel.: (55) 9112-5604
E-mail: sidia.de.mari@bol.com.br